

O ESPÍRITO MODERNISTA DA PADARIA ESPIRITUAL E DO MOVIMENTO ANTROPOFÁGICO: SOB O SIGNO DO CARNAVAL

THE MODERNIST SPIRIT OF "PADARIA ESPIRITUAL" AND OF ANTHROPOPHAGIC MOVEMENT: UNDER THE SIGN OF CARNIVAL

João Batista Costa Gonçalves¹
Marcos Roberto dos Santos Amaral²
José Alberto Ponciano Filho³

Resumo: É interesse deste artigo examinar a carnavalização como elemento animador do espírito literário modernista da Padaria Espiritual, encabeçado por Antônio Sales na capital cearense no final do século XIX, e do Movimento Antropofágico, surgido, sob a influência da Semana de Arte Moderna, a partir das ideias de Oswald de Andrade no final dos anos vinte do século XX. Para isso, tomamos o pensamento bakhtiniano (BAKHTIN, 2010; 2015) a fim de discutirmos os elementos que constituem a literatura carnavalizada e, com base nessa matriz teórica, analisarmos, em especial, a cosmovisão carnavalesca no Programa de Instalação da Padaria Espiritual e no Movimento modernista da Antropofagia. Da análise, constatamos que ambas manifestações literárias têm em comum o elemento subversivo e crítico que se faz presente, carnavalizadamente, através do riso e da ironia na forma de um espírito jocoso e na defesa das identidades locais, procurando dismantelar certas ideias hegemônicas do seu tempo.

Palavras-chave: Carnavalização; Padaria Espiritual; Movimento Antropofágico; Centenário da Semana de Arte Moderna

Abstract: It is the concern of this article to examine carnivalization as an animating element of the modernist literary spirit of "Padaria Espiritual", headed by Antônio Sales in the capital of Ceará at the end of the 19th century, and the Anthropophagic Movement, which emerged, under the influence of the Modern Art Week of 22, from the ideas of Oswald de Andrade, in the capital of São Paulo, in the late twenties of the 20th century.. For this purpose, we take the Bakhtinian thought (BAKHTIN, 2010; 2015) to discuss the elements that constitute carnivalized literature and, based on this theoretical matrix, we analyze, in particular, the carnivalesque worldview in the Installation Program of the "Padaria Espiritual" and in the modernist movement of Anthropophagy. We found that both literary productions have subversive and critical elements in common, which manifest them in a carnivalized way., through laughter and irony in the form of a jocular spirit and in the defense of local identities, seeking to dismantle certain hegemonic ideas of its time.

Keywords: Carnivalization; Padaria Espiritual; Anthropophagic Movement; Centenary of Modern Art Week

¹ Doutor em Linguística. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA/UECE). E-mail: joao.goncalves@uece.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4386-8809>.

² Doutor em Linguística Aplicada. Professor da rede estadual de ensino do Ceará - SEDUC-CE. E-mail: mdmsamaral@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8130-4580>.

³ Doutorando pelo pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PosLA/UECE). E-mail: albertoponcianoalberto@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4293-8542>.

Introdução

O centenário da Semana de Arte Moderna enseja diversas reflexões importantes para a crítica, tanto das estéticas e éticas contemporâneas quanto das que lhe foram anteriores e mesmo das que lhe estão por vir. Isto ocorre, particularmente, porque o jogo entre rupturas e continuidades, que são constitutivas dos históricos diálogos culturais, permite o estudo da compreensão responsável de si, do próximo e do mundo. Sendo assim, como uma ocasião especial, a propósito de seu centenário em 2022 – mais um indicador da maturidade crítica das culturas brasileiras, de reflexão sobre os fundamentos e desdobramentos do Modernismo brasileiro no campo literário, podemos questionar quais cosmovisões éticas e estéticas atravessam movimentos culturais como o Modernismo avizinhando-o com outros, como a Padaria Espiritual, que, a seu modo, apresenta também uma postura de deslocamento de modos de dizer literários reacionários.

Nesse contexto, destaca-se o questionamento de como a Padaria Espiritual e o próprio Modernismo, em particular o Movimento Antropofágico, dialogam historicamente e compartilham de uma perspectiva de carnavalização de sentidos, insurgindo-se contra certas práticas discursivas oficiais, conservadoras, imperialistas e patriarcais, em favor da valorização de uma noção de (multi)identidade(s) nacional(is), como forma de afirmação do local frente à exploração global.

Consideramos, a partir disso, que podemos rastrear essa postura carnavalesca nas polêmicas concretizadas, particularmente, no Programa de Instalação da Padaria Espiritual e no Manifesto Antropofágico, observando como os dois movimentos literários estabelecem, com base na cosmovisão carnavalesca, pontos de contato a partir da problematização entre arte e política; tradição e revolução; gêneros vulgares e consagrados; e entre seus limites artísticos e políticos⁴.

À guisa de organização para o desenvolvimento dessas ideias, repartimos o presente artigo, além desta parte introdutória e a da conclusão ao final do texto, em três seções. Na primeira, contextualizaremos, brevemente, as condições históricas e os princípios éticos e estéticos desses dois movimentos literários. Na segunda, recorreremos aos parâmetros teórico-analíticos da teoria da carnavalização literária bakhtiniana, com ênfase na cosmovisão carnavalesca. Serão nesses pressupostos básicos, portanto, em que nos basearemos para fazer o cotejo entre os dois movimentos artísticos, para não cairmos em reducionismo que os coloquem numa relação mecanicamente linear de continuidade nem de determinismo. Enfim, na terceira seção, dedicaremos um momento de análise para mostrar como o espírito modernista da Padaria Espiritual e do Movimento Antropofágico se conectam pela lógica subversiva do carnaval.

Feitas essas considerações iniciais, passaremos à próxima seção, em que contextualizaremos social e historicamente os dois movimentos literários de que nos ocupamos a examinar neste trabalho.

1 As condições socio-históricas da emergência da Padaria Espiritual e do Movimento Antropofágico

⁴ Desde já, é oportuno frisar que estamos encarando os dois movimentos como vivências históricas marcadas pela crítica, em maior ou menor intensidade, dos “modernos” pilares da sociedade industrial burguesa pautados em “sérias” noções de progresso, de ordem, de necessidade, de suficiência e de eficiência, como parâmetros para a garantia de um bem-estar, compreendido dentro da cosmovisão colonizadora capitalista. Sob esse viés, um “espírito” modernista, bastante acentuado na Semana de Arte Moderna (e nas obras modernistas) e latente na produção literária dos membros da Padaria Espiritual, de contestação contundente de conservadorismos retrógrados, pode ser percebido como elemento familiar em ambos movimentos artísticos.

Nessa seção, trataremos das condições sociais e históricas, dos princípios éticos e estéticos das nossas Letras, em nível regional, com o surgimento da agremiação literária cearense Padaria Espiritual (1892-1898), e, em nível nacional, com a Semana de Arte Moderna (1922) e o seu desdobramento no Manifesto Antropofágico (1928).

Em relação à tertúlia literária que floresceu nas terras alencarinhas, a Padaria Espiritual “revelou a insatisfação e a picardia dos moços cearenses contra o academicismo que era então a tônica predominante de toda a literatura brasileira” (NOBRE, 1992, p. 5). Agora, trinta anos depois, por sua vez, veio a Semana de Arte moderna, com “escritores e artistas que haviam formado a sua personalidade nos grandes centros europeus e norte-americanos, reuniram-se em São Paulo na discutida e badalada Semana de 22, cujas ideias se estenderam da Arte para a Literatura” (NOBRE, 1992, p. 5).

Diante disso, podemos conceber cada um desses movimentos artístico-literários nas suas particularidades. É o que faremos, a seguir, destacando, em linhas gerais, algumas de suas singularidades, que, de um lado, evidenciam sua proposta contra-hegemônica, via atos cômicos e destronadores, conforme a cosmovisão carnavalesca que os ampara, e que, por outro, acentuam a familiaridade entre ambos.

1. 1 A Padaria Espiritual e seu Programa de Instalação

O alvorecer das ideias vanguardistas da Padaria Espiritual (1892-1898) ganhou uma maior visibilidade em um período da história cearense marcado por profundas instabilidades nas várias esferas da criatividade ideológica, mais especificamente no contexto de transição entre o regime monárquico para o regime republicano do Brasil, no final do século XIX e início do século XX.

Dessa forma, os trabalhos desenvolvidos pela sociedade cultural do escritor cearense Antônio Sales (Moacir Jurema)⁵, principal idealizador da Padaria Espiritual, são caracterizados, sobretudo, pelo “inconformismo”, “crítica”, “irreverência” e “comicidade”, para utilizarmos os termos de Farias (2018). As atividades literárias circunscrevem-se em dois importantes momentos da agremiação: a primeira fase marcada pelo espírito moleque, alegre, trocista e boêmio em torno do movimento vanguardista; e a segunda fase, essa mais “ajuizada” definida por uma maior seriedade no projeto artístico-literário dos padeiros (BARREIRA, 1948). Daremos ênfase à primeira.

Para termos uma visão panorâmica do primeiro momento, remetemo-nos ao Programa de Instalação da Padaria, de cujas fornadas pitorescas saía o alimento espiritual que orientava e nutria os sócios e os povos da pátria de Iracema famintos por “cousa nova que espoucava, quebrando o marasmo em que jaziam as letras regionais” (MOTA, 1938, p. 25).

É preciso, por questões de contextualização desse documento inaugural, destacar que o Programa de Instalação de ação da Padaria Espiritual, constituído de vários artigos nos moldes de textos legais, foi lido no primeiro dia de inauguração do coletivo literário cearense, em torno da Praça do Ferreira, no antigo Café Java, de Mané Coco. Neste ato fundador, foi instalada a Padaria Espiritual solenemente às dezenove horas de 30 de maio de 1892, nº 105, da rua Formosa (atual rua Barão do Rio Branco). Assim, idealizado e redigido pelo poeta e romancista Antônio Sales, principal animador do grupo beletrista cearense, o documento em destaque, contou com 48 artigos marcados por uma postura “trocista”, “divertida” e “boêmia” (BARREIRA, 1948, p. 144).

Nas palavras de Azevedo (1982, p. 7), o Programa de Instalação caracterizou-se por ser “completamente diferente de tudo quanto então se fazia, resultando daí o extraordinário êxito do

⁵ Antônio Sales, ao elaborar o Programa de Instalação da Padaria Espiritual, explica que “os padeiros terão um nome de guerra único pelo qual serão tratados e do qual poderão usar no exercício de suas árduas e humanitárias funções” (SALES, 1892, *apud* AZEVEDO, 2011, p. 20).

grêmio cearense, êxito que transbordaria do âmbito de seu Estado, para repercutir até mesmo no Rio de Janeiro, onde nem sempre são vistas as atividades das províncias”.

A seguir, transcrevemos da edição fac-similar do Jornal *O Pão*, organizada por Sânzio de Azevedo (1982). Dele, destacamos alguns excertos reportados do Programa de Instalação da Padaria Espiritual, que nos revelam o espírito revolucionário do projeto ético e estético em torno das práticas discursivas e sociais do coletivo literário de Antônio Sales:

X- Far-se-ão dissertações biográficas acerca de sábios, poetas, artistas e literatos, a começar pelos nacionais, para o que se organizará uma lista na qual serão designados com a precisa antecedência sobre datas célebres da história nacional ou estrangeira;

XVI- É proibido o uso de palavras estranhas à língua vernácula, sendo, porém, permitido o emprego dos neologismos do Dr. Castro Lopes;

XXI- Será julgada indigna de publicidade qualquer peça literária em que se falar de animais ou plantas estranhas à fauna e à flora brasileira, como- cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho etc.;

XXXIV- A Padaria Espiritual obriga-se a organizar, dentro do mais breve possível, um Cancioneiro Popular genuinamente cearense;

XXXVII- Publicar-se-á no começo de cada ano um almanaque ilustrado do Ceará, contendo indicações úteis e inúteis, primores literários e anúncios de bacalhau (SALES, 1892, *apud* AZEVEDO, 1982, pp. 7- 8).

As ideias avaliativas do coletivo literário ecoaram para além do horizonte da esfera artístico-literária cearense, ganhando uma repercussão nacional (FIUZA, 2011, p. 55). Importante ainda destacar que o espírito renovador da Padaria⁶ não se limitou exclusivamente à literatura, mas às artes de forma geral, e ganharam espaço na esfera política, religiosa, social etc., desmantelando muitos aspectos sociais e políticos da ordem vigente da época.

Observando, mais atentamente, os enunciados extraídos do Programa de Instalação da Padaria Espiritual, percebemos a construção estilística do texto em tom de pilhéria, que marca o nascimento de uma associação cultural que, “além de despertar no povo o gosto pela literatura”, nas palavras de Fiuza (2022, p. 7), também se preocupava com o acesso gratuito e com a qualidade do que podemos chamar de educação popular, a valoração pela literatura e pela cultura popular cearense, pelo folclore regional, dentre outras ações.

Além disso, essa agremiação literária pitoresca soube, de forma carnalizada, fazer uso da alegria como uma potente arma contra as práticas discursivas oficiais e hierárquicas, bem como contra valores, normas e tabus religiosos, políticos e morais correntes (BAKHTIN, 2010, p. 8), em um período histórico em que as consciências centrífugas dos padeiros puseram o Ceará provinciano ao revés.

Assim, seguindo as correntezas dialógicas da irreverência, do iconoclastismo, da contestação, na esfera artístico-literária, a Semana de Arte Moderna, em São Paulo, 30 anos após o surgimento da Padaria Espiritual, no Ceará, também se nutriu do mesmo “espírito renovador, escandalizando primeiro, para depois produzir, ou construir” (FIUZA, 2022, p. 9)⁷. É sobre essas questões que orientaremos as próximas discussões.

⁶ O jornal *O Pão* era o principal difusor das ideias da Padaria Espiritual. Com ele, divulgava-se o pensamento ético e estético dos padeiros. Esse material está ilustrado no nosso material de análise, pelo Programa de Instalação da Padaria Espiritual, que foi idealizado por Antônio Sales.

⁷ Além do exposto, pode-se acentuar a presença do projeto ético e estético dos ideais do movimento modernista nas artes, mais especificamente com a participação do manifesto futurista elaborado por Marinetti (1909), que teve forte influência nas práticas discursivas literárias em torno da tertúlia literária cearense da Padaria Espiritual. Essa influência pode ser constatada na publicação do poema *Estâncias futuristas*, de Antônio Sales (1923), considerado o “pai da poesia futurista” (BÓIA, 1984) em solos cearenses.

1. 2 A Semana de Arte Moderna e o Manifesto Antropofágico

A partir de Bosi (2006), podemos afirmar que a Semana de 22 apresentou, para fazer uso do vocabulário dos termos bakhtinianos, posicionamentos socioaxiológicos em confronto com as ideias ortodoxas, tradicionalistas e monológicas, de movimentos literários que a antecederam, como foi o caso do Parnasianismo, ao valorar pela “objetividade no trato dos temas e o culto da forma” (BOSI, 2006, p. 233), característica muito recorrente nas tradições poéticas de autores parnasianos. Neste momento, influenciados pelas vanguardas europeias, como o Futurismo, o Cubismo, o Expressionismo, o Dadaísmo e o Surrealismo, a Semana de Arte Moderna transgrediu com “as estruturas mentais das velhas gerações” (BOSI, 2006, p. 354) ao apresentar, por exemplo, uma nova linguagem nos moldes carnavalescos, “familiar”, “repleta de sarcasmos” e “insultos” (FIORIN, 2016, p. 162).

Tal postura, inclusive, está latente no Manifesto Antropofágico, publicado na primeira edição da *Revista de Antropofagia*, que reflete, tanto em seus temas quanto em seus estilos, as propostas freudianas, marxistas, bretonianas, ao lado das propostas clássicas iluministas, a fim de, dessa forma, anunciar uma “síntese” brasileira, combinando as culturas indígenas, africanas, latinas e, ao mesmo tempo, contestando, contundentemente, pontos de vistas ocidentalistas. A criação desse movimento foi, assim, ideia de Oswald de Andrade, que, influenciado, inicialmente, pelas ideias da Semana de 22, e, posteriormente, pelo projeto estético futurista, lançou o seu Manifesto na *Revista de Antropofagia* (em parceria com Raul Bopp) em 1º de maio de 1928, com o objetivo de transfigurar a cultura, principalmente a europeia, conferindo, dessa forma, o caráter nacional através da “deglutição” dos seus valores estéticos, éticos e políticos.

É possível dizer, a partir do texto oswaldiano fundador do movimento antropofágico, que o Manifesto reflete e refrata o que foi o “espírito de 22”; nas palavras de Moisés (2012, p. 411), uma fase “destrutiva, iconoclasta, representada notadamente pelo “poema-piada”, fase de nacionalismo primitivista e de repúdio ao passado literário”.⁸ Neste momento, já podemos, então, enfatizar, mais claramente, as relações dialógicas entre o Movimento Antropofágico e o grupo mobilizado por Antônio Sales, a Padaria Espiritual, a partir da cosmovisão carnavalesca que os une. É o que faremos doravante.

Como forma de exemplificar a familiaridade entre o Modernismo oswaldiano e a Padaria Espiritual, podemos identificar o uso do riso como forma de subverter modos de ser reacionários. Deve-se destacar que a alegria é concebida, nesses movimentos, como uma prática social e política “em oposição à ideologia da seriedade e como destruição da hierarquia e da ordem”, para utilizarmos os termos de Cavaliere (2018). Ademais, a busca pela “identidade” nacional bastante heterogênea do povo brasileiro é facilmente percebida em ambos os movimentos vanguardistas. Nos artigos extraídos do Programa de Instalação da Padaria Espiritual, a título de exemplo dessa busca por um nacionalismo, destacamos os seguintes enunciados: “é proibido o uso de palavras estranhas à língua vernácula, sendo, porém, permitido o emprego dos neologismos do Dr. Castro Lopes” e “Será julgada indigna qualquer peça literária em que se falar de animais e plantas estranhas à fauna e a flora brasileira, como, cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho”.

Convém destacar que esse mesmo impulso é externalizado no Manifesto Antropofágico em trechos com estilo paródico e hibridez linguística, como no enunciado “Tupi or not tupi that is the question” (ANDRADE, 2021, p. 627), ou em outros enunciados cuja temática é contestatória e burlesca, do tipo da que encontramos em “Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O

⁸ Digno de nota, nesse sentido, é observar que os gêneros fundadores desses movimentos literários, o estatuto do Programa de Instalação da Padaria Espiritual e o Manifesto do movimento oswaldiano, foram carnavalizados. Na cultura oficial, estatuto e manifesto têm, em geral, um tom sério, todavia, na cultura carnavalesca de Antônio Sales e de Oswald de Andrade, esses gêneros são subvertidos, ganhando um elemento crítico, festivo e humorístico.

índio vestido de senador do Império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses” (ANDRADE, 2021, p. 629).

Terminamos aqui essa seção para nos ocuparmos, em seguida, com a discussão teórica que ampara esse artigo, a saber, a teoria da carnavalização proposta por Mikhail Bakhtin.

2 Abram alas para o carnaval passar: a carnavalização na perspectiva bakhtiniana

Para desenvolvermos nossa análise a respeito da presença do espírito modernista no Programa da Padaria Espiritual e no Manifesto Antropofágico, devemos ter sempre em consideração que a familiaridade destes movimentos literários está sob o signo do carnaval em que se percebe em ambos, uma postura de subversão de ordens reacionárias, e isto como forma de afirmação da vida popular, criativa e plural.

Logo, destacamos que, do ponto de vista estético e ético, os dois projetos têm muitas similitudes, sobretudo nos aspectos da carnavalização, a despeito de pontos de divergências, como a distância temporal e espacial, e como a postura mais radical contra a tradição, muito explicado em função do lapso temporal. Portanto, não estamos aqui tentando estabelecer filiações paternas de precedência. Vamos, para frisar, mais uma vez, destacar o espírito carnavalesco em ambos. Com esta postura, apoiamo-nos na teoria da carnavalização bakhtiniana para desenvolvermos nossa análise, como já anunciamos, do Programa de Instalação da Padaria Espiritual e do Manifesto Antropofágico.

Bakhtin (2015), ao propor a cosmovisão carnavalesca para a análise de textos literários, enumera quatro categorias específicas: 1) o livre contato familiar entre as pessoas; 2) a excentricidade; 3) as *mésalliances*; e 4) a profanação. O livre contato familiar entre as pessoas é uma resposta contra os *modi operandi* institucionais formais de organização das relações interpessoais, marcadas por extremos de autoritarismo, de vigilância e de rigor. Assim, são determinadas, especialmente no carnaval, ações, gestos e linguagens marcadas pela franqueza e liberdade das exigências de opressivos protocolos institucionais. A excentricidade, por sua vez, é característica das ações e linguagens do carnaval, que, por serem familiares, acabam se tornando inoportunas para o ponto de vista consagrado, por não se esforçar em ocultar aquilo que, para este ponto de vista, deveria ser evitado. Já as *mésalliances* se constituem da aproximação de tudo o que a cultura oficial separava; e, por fim, a profanação se mostra como a dessacralização de signos hegemônicos pela associação com indecências e pela relação entre o baixo material e corporal.

O carnaval apresenta, pois, ações que expressam sua cosmovisão de ênfase em mudanças e transformações, morte e renascimento (BAKHTIN, 2015, p. 142), do tipo coroação bufa e destronamento do rei; mudanças de trajes; guerras carnavalescas; troca de presentes indesejáveis. Suas imagens são, assim, biunívocas, englobando os dois campos da mudança e da crise: nascimento-morte; bênção-maldição; alto-baixo; face-traseiro; sabedoria-tolice, etc. (BAKHTIN, 2015, p. 144), além de tematizarem o fogo que destrói e renova, por exemplo, com a queima do carro de trastes (o inferno) ou com as velas que eram seguradas e apagadas pelos brincantes.

O carnaval ainda se caracteriza pelo riso intrínseco às formas mais antigas do riso ritual, quando se ridicularizavam os deuses a fim de forçá-los a renovar-se (BAKHTIN, 2015, p. 144), isto é, a agir para que a colheita fosse abundante, a fim de que a estiagem, a cheia ou alguma praga ou peste acabasse.

Portanto, o carnaval, quando transposto para a literatura, não se reduz a festas, a fantasias nem a festejos boêmios; é, na verdade, uma forma de conceber/constituir a própria vida, para além das formas históricas autoritárias e oficiais que se expressam em períodos de festividades populares. É nessa direção que Bakhtin (2010), para estudar a cultura cômica popular, propõe definir as suas imagens cômicas, caracterizando-as, especialmente, pelo princípio da vida material e corporal, que se delinea enquanto imagens do corpo tematizadas exageradamente na bebida, na comida, na

satisfação de necessidades naturais, e da vida sexual, as quais são valorizadas não como degeneração, mas como celebração (BAKHTIN, 2010, p. 16). O corpo é, então, significado de acordo com imagens que são herança de uma concepção estética da vida prática chamada pelo pensador russo (BAKHTIN 2010, p. 17; 27) de realismo grotesco, singularizado pelo princípio material e corporal unificado formalmente numa totalidade (contraposta à lógica geral consagrada), viva e indivisível, alegre e benfazeja, ou seja, com sentido afirmativo, que indicia, fundamentalmente, formas de fertilidade, crescimento, renovação e abundância (utopia carnavalesca), ao contrário do princípio de acabamento – asséptico do corpo – estabilizador (a exemplo das hierarquias burguesas modernas) abstrato.

Feitas estas considerações teórico-metodológicas, depois de uma breve contextualização da emergência socio-histórica da Semana de Arte Moderna e da Padaria, destacando alguns elementos que as familiarizam sob o signo do carnaval, podemos passar à análise estrita de algumas peculiaridades da cosmovisão carnavalesca evidentes no Manifesto Antropofágico e no Programa de Instalação da Padaria Espiritual.

3 Fornada e dentição: a carnavalização na constituição do espírito modernista da Padaria Espiritual e do Movimento Antropofágico

Para organizarmos didaticamente esta seção, discutiremos, de início, algumas questões que, a nosso ver, particularizam o Modernismo, já desde as primeiras expressões da Semana de Arte Moderna, que estão bastante patentes no Manifesto Antropofágico. Em seguida, trataremos das questões concernentes à Padaria Espiritual, via o Programa de sua instalação. Tanto num como no outro caso, orientamos nossa análise a partir da postura crítica e carnavalesca de ambos tentarem desconstruir os “sérios fundamentos progressistas” da sociedade industrial burguesa, que comungam com a cosmovisão colonizadora capitalista. Observamos que os pontos que salientamos, estilística e tematicamente, ecoam os quatro elementos (o tom cômico, a problematização da pluralidade da identidade, os atos destronadores e a busca por formas alternativas de vivências e expressões contra formas conservadoras) que destacamos há pouco no final da seção anterior, os quais, por sua vez, se delineiam conforme desenvolvam as especificidades carnavalescas (o livre contato familiar entre as pessoas; a excentricidade; as *mésalliances*; a profanação; além do riso cômico popular; do baixo corporal; e do princípio da vida material e corporal), de acordo como discutimos na seção anterior destinada a questões teórico-metodológicas.

Podemos destacar, inicialmente, na nossa análise da postura carnavalesca no Manifesto Antropofágico, centrada tanto na sua organização estilística quanto na temática, a categórica afirmação de que apenas a antropofagia une os seres humanos salienta a postura revolucionária do movimento, marcada pelo deslocamento de valores dados a sentidos dos modos de ser que particularizam as práticas estabilizadas socialmente. Veja-se: “Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo [...]. De todos os tratados de paz (ANDRADE, 2021, p. 627)”.

No caso, o ato de canibalismo, valorado negativamente pela lógica ocidental capitalista, é deslocado de uma posição interdita e admitido como prática fundante da harmonia humana. Assim, a lógica burguesa, ao eleger sentidos civilizados (ou seja, patriarcais e imperialistas como referência valorativa para admitir algo como aceitável ou não), é confrontada dentro dos limites de seus princípios.

Este gesto ético de contestação encarna-se esteticamente na mistura de idiomas e de estilos. Assim, a língua tupi, a portuguesa e a inglesa, bem como a retórica do manifesto (como as palavras de ordem, por exemplo, citadas há pouco: “Só a antropofagia nos une [...]. Única lei do mundo”) e da paródia são utilizadas, de sorte que a ideia de união anunciada na defesa da antropofagia é

encenada por esta mistura de linguagens. Tal mistura é permitida, especialmente, sem impossibilidade de inteligibilidade, devido ao fato de que o enunciado shakespeariano (“To be, or not to be, that’s is the question” (ANDRADE, 2021, p. 627)) tenha se incorporado (pelo menos, para aqueles que imediatamente estavam inseridos nas relações de interlocução relativas à circulação do Manifesto) às performances discursivas do brasileiro; em outras palavras, a língua de Shakespeare foi absorvida e deglutida; pelo falante inscrito nessa situação.

O hibridismo entre esses elementos estranhos estende-se a diversas instâncias da composição textual. Por exemplo, no enunciado “O que atropelava a verdade era a roupa” (ANDRADE, 2021, p. 627), há uma ligação inusitada entre “verdade”, com um sentido abstrato e familiar a práticas sérias, pautadas na verdade absoluta da religião; na verdade verificável da ciência e na da moral, etc., e o termo coloquial “roupa”, denotando algo sem uma “importância” mais significativa. Dessa forma, há um rebaixamento do valor aristocrático metafísico do termo verdade, o qual se ressignifica no mesmo sentido de concretização estética do princípio antropofágico, o que ocorre também com a expressão “consciência enlatada”. Recursos como esses são utilizados ao longo do Manifesto, dando corpo a efeitos de sentido de deslocamento das relações consagradas que encaminham o propósito do Manifesto de refundação de uma cultura autêntica. Isso podemos ainda perceber, contundentemente, quando Oswald o assina, revelando uma nova maneira de periodização da história nacional e de terminologia topográfica: “Em Piratininga, Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha” (ANDRADE, 2021, p. 632), partindo da escolha de uma cena de canibalismo como evento para ano zero.

Esses efeitos de sentido são desencadeados, particularmente, pelo tom jocoso com que são desassociadas relações tidas como nobres por uma lógica imperialista patriarcal, como a que se estabelece entre verdade e ditos bons costumes civilizados (*mercantis*), como vimos; e pelo conseqüente destronamento do valor normativo dessas relações. Além disso, nomes e fatos consagrados da história conservadora do Brasil são comicamente destronados em função da refundação da noção de Pindorama. É o caso da já referida periodização a partir da deglutição de Bispo Sardinha, diga-se de passagem, nome oportuníssimo, como são os casos de denúncia de mesquinhas lógicas milicianas dos patriarcais grupos gestores do País, quando se revela a associação de uma conduta reacionária como motivo de interesse ao governo: “Frase típica de D. João VI: - Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça” (ANDRADE, 2021, p. 632). O discurso direto aí utilizado é composto, ao mesmo tempo, de um juízo e de uma prática, ambos interesseiros, cuja crítica é acentuada pelo destaque dado pelo autor ao realçar ser isso um procedimento típico do rei.

Logo, uma imagem messiânica de gestor como salvador da nação, comum em sistemas políticos populistas e imperialistas, é destronada. Este destronamento, aliado a livres associações, como a que liga história universal, local, diversos povos, filosofias, estéticas e éticas (“Contra Goethe, a mãe dos Gracos, e a Corte de D. João VI” (ANDRADE, 2021, p. 632)), reforçam o tom cômico do Manifesto, o que permite a fuga de uma também perniciososa postura ocidentalista imperialista de se utilizar de uma crítica para apenas substituir uma ordem excludente por outra.

Sob esse viés, pode-se perceber a ênfase, em três referências (juntamente com outras três remissões a Freud, inclusive, uma delas no último enunciado, quando se salienta o caráter revolucionário da antropofagia), ao longo do Manifesto, da potência libertadora da transmutação do tabu em totem. Daí o valor do riso. Não apenas como aspecto moralista de ridicularização de uma má conduta, mas, sobretudo, como elemento constitutivo das relações marcadas não pela proibição castradora; nem pelo controle autoritarista, mas pela assunção de responsabilidades solidárias, como está tematizado na afirmação de que “A alegria é a prova dos nove” (ANDRADE, 2021, p. 632) e que “Só me interessa o que não é meu. [...] Uma consciência participante” (ANDRADE, 2021, p. 627). Certamente, esta postura cômico-popular é sintetizada na seguinte passagem: “Nunca fomos catequizados. Fizemos foi o Carnaval”. Podemos admitir, no mesmo

sentido, o valor do baixo corporal, sobretudo, devido à imagem fundante: a deglutição de Bispo Sardinha, com a presença da boca que come a carne, que é o elemento de contato e de contágio entre as culturas que se constituirão. Assim, a boca que grita e/ou que não fala oficialmente também participa da constituição dos sentidos subversivos do Manifesto, uma vez que, se sua leitura for apenas silenciosa, muitos efeitos não serão salientados, e, mesmo lido em voz alta, se numa performance comedida, também o serão; é preciso, pois, que essa boca que lê, se contorça, grite, até salive e cuspa, como a boca faminta que come se transformando em outra.

A seguir nos demoraremos na análise dos elementos carnavalizados no Programa de Instalação da Padaria Espiritual, destacando os fortes laços entre ele e o Manifesto oswaldiano a partir de uma cultura carnavalesca.

No Programa de Instalação da Padaria Espiritual, podemos destacar, também focalizando aspectos estilísticos e temáticos do enunciado concreto do referido Programa, que há uma preocupação a respeito da forma de expressão do movimento que se adequa aos novos princípios propostos. Os seguintes artigos do Programa de Instalação⁹ podem atestá-lo: “11) Essas dissertações serão feitas em palestras, sendo proibido o tom oratório, sob pena de vaia”; 12) Haverá um livro em que se registrará o resultado das fornadas com o maior laconismo possível, assinando todos os Padeiros presentes”; “14) É proibido o uso de palavras estranhas à língua vernácula, sendo, porém, permitido o emprego dos neologismos do Dr. Castro Lopes”; 16) Aquele que durante uma sessão não disser uma pilhéria de espírito, pelo menos, fica obrigado a pagar no sábado café para todos os colegas. Quem disser uma pilhéria superiormente fina, pode ser dispensado da multa da semana seguinte”. A experimentação do riso cômico está presente aí, como podemos observar, como uma exigência, através da construção com a livre associação entre um tom sério de artigos com expressões coloquiais, como ocorre a se destacar o termo “vaia” no fechamento do artigo 11. Vê-se, nesse gesto subversivo, uma crítica ao anacronismo de linguagem intransigentemente séria, marcada por prolixidade, arcaísmo e preciosismos, que é salientada na assunção do princípio de que se deve ter “o maior laconismo” nos registros da Padaria.

Tal orientação, por mirar, de fato, produções retrógradas, incorpora uma postura de destronamento de modelos consagrados do dizer literário. Especialmente, este destronamento é evidenciado quando, nos artigos, são inseridas expressões e temas considerados pela lógica oficial como vulgares ou irrelevantes. Já destacamos os efeitos de sentido que o uso do termo “vaia” tem, e sublinhamos agora, por exemplo, o artigo 46º, que institui, como objetivo dos padeiros, entrar em contendas com vizinhos que toquem “clarineta, pistom ou qualquer outro instrumento irritante”. Note-se que este artigo é seguido de um outro que pode ser considerado pela referida lógica oficial como sério, o qual diz ser meta cuidados com um parque. Perceba--se, ainda, que há outros artigos semelhantes a esses, quais sejam, o 30º, a respeito de que a Padaria patrocinará a “Avenida Caio Prado” e o 45º estabelecido com fins de se empregar “todos os meios de compelir Mané Coco” [dono do Café Java, onde a intelectualidade da época se reunia para terminar o serviço da “Avenida Ferreira”].

Essa associação de expectativas polemicamente sérias e não sérias, conforme um ponto de vista burguês, que dão um tom cômico ao Programa, orientam-se pela proposta da Padaria de ressignificar os caminhos da arte, tanto na crítica como na produção estrita. Nesse sentido, são bastante relevantes os seguintes artigos dos padeiros, que colocam, em primeiro plano, autores locais, como o nome de José de Alencar, e a necessidade de se reconhecerem as potências criativas do tema conterrâneo: “20) Durante as fornadas, é permitido ter o chapéu na cabeça, exceto quando se falar em Homero, Shakespeare, Dante, Hugo, Goethe, Camões e José de Alencar porque, então, todos se descobrirão”; “21) Será julgada indigna de publicidade qualquer peça literária em que se falar de animais ou plantas estranhos à Fauna e à Flora brasileiras, como: cotovia, olmeiro, rouxinol,

⁹ Todos os trechos dos artigos citados do Programa de Instalação da Padaria Espiritual, que foi escrito por Antônio Sales em 1892, foram tirados da edição fac-similar publicada por Azevedo (1982).

carvalho etc.”. Essa mesma livre associação indica a proposta política não conservadora da Padaria Espiritual, como se percebe no artigo 26, em que se lê: “São considerados, desde já, inimigos naturais dos Padeiros – o Clero, os alfaiates e a polícia. Nenhum Padeiro deve perder ocasião de patentear seu desagrado a essa gente”.

Deve-se destacar ainda que os padeiros, ao escolherem a imagem do pão, evocam sentidos comuns ao da deglutição antropofágica¹⁰. O ritual da eucaristia ilustra esse caráter, ao enfatizar a partilha do corpo e do sangue, como ritual de purificação. O pão, aqui, é o saber revolucionário que os padeiros anunciavam, nos tons da valorização do local, da história, dos escritores, da fauna, da flora, etc. Esta imagem, inclusive, juntamente com os elementos figurativos ancestrais do ritual antropofágico, como vimos, está avizinjada de elementos cômicos, o que endossa os sentidos destrocados de uma lógica burguesa patriarcal ocidentalista. E, para finalizar nossa análise, destacamos o artigo 7º, que traz a descrição do “distintivo da Padaria Espiritual [que é] uma haste de trigo cruzada de uma pena, distintivo que será gravado na respectiva bandeira, que terá as cores nacionais”. Sublinhem-se, nele, primeiramente, as relações dialógicas visuais com a foice e o martelo, símbolos do Comunismo¹¹; saliente-se também, na composição imagética do distintivo, o entrecruzamento da pena (signo representativo da caneta), enquanto ligação com a cosmovisão carnavalesca, realçando o sentido da relação da atividade intelectual do espírito da escrita, e, por outro lado, o trigo, atividade laboral popular do campo, da agricultura, incorporando-se, dessa forma, a interconstitutividade, e não a antinomia, dos valores intelectuais (de cima) e carnavais (de baixo), o que instaura um jogo semântico de oposição e oximoros das *mésalliances* carnavalescas.

Findada aqui a análise, passamos agora a nossas considerações finais.

Considerações finais

Com nossa discussão, ao longo desse artigo, a respeito da comunhão da cosmovisão carnavalesca que a Padaria Espiritual e o Modernismo compartilham sentida no Manifesto Antropófago e no Programa de Instalação da Padaria, pudemos confirmar um *Zeitgeist* carnavalesco revelado na postura estética de ambos movimentos. Para demonstrá-lo, destacamos uma perspectiva estritamente ética e temática dessas manifestações artístico-literárias por meio da valorização dos signos locais, populares, realçados na linguagem cheia de humor e irreverência, nos autores, nos fatos históricos, ou mesmo nas perspectivas próprias de encará-los; e, com isso, uma postura anti-hegemônica contra as relações dogmáticas vigentes; para a construção de uma estética carnavalesca, que se faz pela organização de sentidos a utilizar imagens da comida e da deglutição; com tons jocosos e irônicos; misturando coloquialismos e barbarismos e, com efeito, subvertendo gêneros discursivos tão cultivados pelo *mainstream* literário da época.

Estas posturas, podemos asseverar, ganham sentido, sobretudo porque dialogam com os parâmetros teóricos-analíticos da teoria da carnavalização bakhtiniana: o livre contato familiar entre as pessoas; a excentricidade; as *mésalliances*; a profanação; além das noções de riso cômico-popular; de baixo corporal; e do princípio da vida material e corporal. Tais parâmetros ecoam, como aventamos, os quatro elementos que, percebendo como familiares às obras da Padaria e do

¹⁰ Essa imagem carnavalesca do corpo grotesco, tal como pensado por Bakhtin (2015) na análise da literatura rabelaisiana, está representada visualmente na pintura da Anita Malfatti do *Abaporu*, cujo étimo vem dos termos do tupi “aba” (homem), “porá” (gente) e “ú” (comer). Essa anatomia do corpo grotesco antropofágico está também na capa da Revista Antropofágica, que traz a imagem de rituais antropofágicos dos índios brasileiros.

¹¹ Em *O Pão... da Padaria Espiritual*, Fiuza (2011) explica que alguns padeiros eram considerados socialistas ou comunistas. Contribuem para essa assertiva justamente o fato de os padeiros serem “eles contra a ordem estabelecida, fosse social, política, literária e religiosa, as insinuações dos nomes: Padaria, padeiro, fornada, pão, amor e trabalho, e a cor da bandeira, com a pena e o trigo se cruzando como se cruzam a foice e o martelo, são bem significativos” (FIUZA, 2011, p. 55).

Modernismo: o tom cômico, a problematização da pluralidade da identidade, os atos destronadores e a busca por formas alternativas de vivências e expressões contra-hegemônicas.

Essas discussões, em suma, lançam luzes sobre como se arquivam, pela problematização das relações entre tradição e revolução, pela presença de gêneros vulgares e consagrados e pelo borrado entre seus limites artísticos e políticos, os diálogos entre a Padaria Espiritual e o Modernismo, aqui destacado o Movimento Antropofágico, cujo tom é a alegre carnavalesca valorização de um exercício de criação de identidades nacionais, como forma de afirmação do local frente à exploração global contra sentidos e práticas ocidentalistas oficiais, conservadoras e imperialistas. Este diálogo, como demonstramos ao longo do artigo, se faz presente nos dois movimentos artísticos e políticos, através de um espírito modernista latente e pulsante de problematização dos fundamentos capitalistas colonizadores e dos conservadorismos retrógrados.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, O. de. **Obra incompleta**. Jorge Schwartz, coordenador. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

AZEVEDO, S. de. **Breve História da Padaria Espiritual**. Fortaleza: Edições, 2011.

AZEVEDO, S. de. **O Pão da Padaria Espiritual**. Fortaleza: Imprensa universitária da Universidade Federal do Ceará. Edição Fac-similar, 1982.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi Vieira. – São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BARREIRA, D. **História do Ceará**. Edições Instituto do Ceará- Imprensa oficial do Ceará (IOCE), 1948.

BÓIA, W. **Antônio Sales e sua época**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S. A, 1984.

BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAVALIERE, A. **Antologia do humor russo (1832- 2014)/organização e apresentação de Arlete Cavaliere; trad. Aurora Fornoni Bernardini e outros- São Paulo: Editora 34, 2018 (1ª edição).**

FARIAS, A. de. **História do Ceará**. 7. ed. Fortaleza: Armazém da cultura, 2018.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: contexto, 2016.

FIUZA, R. C. P. et al. **Padaria Espiritual: 130 anos**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2022.

FIUZA, R. C. P. **O Pão... da Padaria Espiritual**. Fortaleza: Expressão e gráfica editora, 2011.

MOISÉS, M. **A Literatura Brasileira através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 2012.

MOTA, L. **A padaria Espiritual**. Fortaleza: Edésio- Editor, 1938.

NOBRE, F. S. **Da Padaria Espiritual à Semana de Arte Moderna**. Rio de Janeiro: Edral Editora
Revista das academias de Letras. Rio de Janeiro-RJ, 1992.

Submetido em 29/03/2023

Aceito em 07/07/2023